

Itamar recua e admite elevação de taxa de juros

Geraldo Magela

O presidente Itamar Franco voltou atrás e concordou com os argumentos do ministro da Fazenda, Paulo Haddad, de que o Banco Central tem de elevar as taxas de juros no curto prazo, para tentar controlar expectativas de aumento da inflação e manter positiva a Taxa Referencial (TR), que há quatro meses vem remunerando a caderneta de poupança com índices abaixo da inflação. No meio da tarde, o Palácio do Planalto divulgou nota admitindo ajustes nos juros, no curto prazo, mas garantindo que juro alto não é uma política do governo.

A decisão de Itamar é uma vitória de Haddad, que havia sido desautorizado publicamente por um comunicado divulgado na véspera pelo Palácio do Planalto, condenando o aumento dos juros. Em entrevista, o ministro confirmou que o governo prepara um plano de estabilização econômica, que será anunciado assim que forem implantadas medidas estruturais, como ajuste fiscal, acerto com FMI e solução para as grandes dívidas entre União, Estados, municípios e estatais.

O ministro da Fazenda, Paulo Haddad, explicou ao presidente Itamar Franco que a elevação das taxas de juros nos últimos meses teve apenas o objetivo de acompanhar o aumento da inflação. Ao lado do presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, ele disse a Itamar que os juros terão de ser altos pelo menos até a quarta-feira, para a formação da TR que definirá a remuneração de fevereiro das cadernetas de poupança. Como nos últimos meses a TR ficou abaixo da inflação, Haddad teme que a repetição do fato termine por afastar os investidores da poupança.

O ministro Haddad entrou muito tenso na reunião de ontem segundo assessores. Ontem, ele tomou conhecimento do teor da nota antes de sua divulgação, mas não foi consultado sobre sua oportunidade. "Preparem-se, que vem mais um torpedo por aí", avisou o ministro da Fazenda, então, a assessores. A nota foi interpretada como um sinal

do reinício da tentativa de alguns setores do Palácio — entre os quais estão o ministro da Justiça, Maurício Corrêa, e o consultor-geral, José de Castro — de enfraquecer Haddad.

A nota divulgada ontem pelo Palácio do Planalto reafirma que uma política de juros altos provoca recessão e desemprego, mas admite que "possam ocorrer eventuais ajustes técnicos na taxa de juros, necessários para acomodar as oscilações de curto prazo em função das expectativas inflacionárias, até a implantação de um programa consistente com a realidade econômica do País". Ela reconhece ainda que "o processo de redução da taxa de juros envolve a elaboração e a implantação de um programa consistente de estabilização econômica, o qual, dentro da sua filosofia política (do presidente Itamar Franco), não deve conter choques ou elementos que quebrem as relações contratuais da economia".

A conversa entre Itamar e Haddad, que durou cerca de quarenta minutos, ocorreu antes da reunião convocada pelo presidente com a equipe econômica para debater a situação da Caixa Econômica Federal. Enquanto Haddad e Itamar discutiam juros, a ministra do Planejamento, Yeda Crusius, ficou aguardando na ante-ala, conversando com o ministro-chefe da Casa Civil.

Na reunião de ontem da equipe econômica com Itamar, ficou decidido que a nova ministra do Planejamento, Yeda Crusius, irá estabelecer um sistema para coordenar e controlar os órgãos do governo que tratam de política habitacional. Desde a extinção do BNH, no governo Sarney, o assunto está dividido entre Banco Central, Caixa Econômica Federal e Ministério do Bem-estar Social, sem uma coordenação central. Também foi analisado na reunião o plano de ajustamento e reorganização da CEF. A discussão está centrada no volume de recursos que o Tesouro repassará à Caixa, sob a forma de títulos públicos.



Reunido com Yeda Crusius e Paulo Haddad, Itamar lembrou que a TR há quatro meses vem remunerando a poupança abaixo da inflação